

Aspectos da Experiência Colonial Latino-Americana: Lima Barreto e Roberto Arlt na Cidade Letrada

Aspects of latin american colonial experience: Lima Barreto and Roberto Arlt in the Lettered City

Lyanna Costa Carvalho^{1*}

*Universidade Federal do Tocantins, UFT, Palmas-TO, 77001-090,
e-mail: lyannacarvalho@uft.edu.br

Resumo: O presente estudo procura refletir sobre os processos de modernização do Rio de Janeiro e de Buenos Aires no começo do século 20. A partir da perspectiva teórica das áreas da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais, focamos na leitura de três romances: *El juguete Rabioso*, de Roberto Arlt, e *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Ambos os autores posicionaram-se criticamente diante do processo de modernização de suas cidades a partir do ponto de vista das falhas e da exclusão social relacionadas às transformações que estavam vendo. A partir de suas narrativas, procuramos identificar os elementos que indicam os choques culturais no processo de organização de uma cultura cuja heterogeneidade é o princípio de existência. Para isso, procuramos discutir como as personagens Silvío, Policarpo e Isaías, dentre outros, se relacionam com a “cidade letrada”, de acordo com a expressão de Ángel Rama, concluindo que a frustração que elas enfrentam dentro da alta sociedade é relacionada à experiência colonial latino-americana como um todo.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Modernização latino-americana. Cidade letrada.

Abstract: This study intends to think about the modernization processes of Rio de Janeiro and Buenos Aires in the beginning of the 20th century. From the theoretical perspective of the areas of Comparative Literature and Cultural Studies, we focus on the reading of three novels, Roberto Arlt’s *El juguete rabioso* and Lima Barreto’s *Recordações do escrivão Isaías Caminha* and *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Both authors had a critical position about the modernization of their cities, from the point of view of the failures and the social exclusion attached to the changes they were seeing. From their narratives, we aim to identify the elements that hide cultural clashes in the process of organizing a culture whose heterogeneity is its principle of existence. In order to do so, we try to discuss how the characters Silvío, Policarpo and Isaías, among others, bound with the “lettered city”, according to the expression of Ángel Rama, concluding that the frustration they face dealing with the high society is related to our latin-american colonial experience as a whole.

Keywords: Comparative Literature. Latin-american modernization. Lettered city.

¹Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Literaturas em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: lyannacarvalho@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

Na virada do século XIX para o XX, o Rio de Janeiro, como capital federal, representou um Brasil adentro de um novo momento histórico, recentes eram a assinatura da Lei Áurea e a Proclamação da República. A cidade passava naquele momento por uma série de reformas, ocorridas acentuadamente durante a prefeitura de Pereira Passos, que modificavam sua fisionomia, e que expressavam também os rearranjos de poder socioeconômico e simbólico na nova ordem republicana e liberal, em sua forma abasileirada. Abertura e alargamento de ruas, demolições de morros, instauração de iluminação noturna, priorização de políticas sanitárias e em combate às doenças tropicais como a febre amarela foram algumas das medidas articuladas no projeto de modernização dos espaços públicos, calçado, segundo o historiador da cultura Nicolau Sevcenko (1994, p. 30), em quatro tensões básicas: a condenação e recusa dos hábitos ligados à sociedade tradicional; a negação dos elementos populares da cultura e do que se opunha à ideia de civilizado; a expulsão das camadas populares para a periferia; e um “cosmopolitismo agressivo”, à imitação de Paris.

Sobre todo este progresso importado, a crônica “A volta”, publicada por Lima Barreto em 1915, ironiza as transformações do Rio de Janeiro a partir de uma comparação com a capital vizinha:

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. [...] O Rio civiliza-se. (BARRETO, apud ENGEL, 2008, p. 47)

As transformações urbanas radicais encontradas em várias das capitais latino-americanas naquele período não significaram somente uma tentativa de imitação da cidade e do estilo de vida europeus: na política, na economia, nas ideias, a vida nas cidades passa por adequações às relações liberais de trabalho, à ideologia da nação e do progresso, a tudo que se considera “civilização”, adequações estas que se distribuem diferentemente e que interferem na vida prática, modificando o cotidiano e possibilitando o estabelecimento de novas (ou reorganizando antigas) ordenações de poder real e simbólico que asseguram as relações de subalternidade naquele contexto. “Civilização” é, nesse sentido, exatamente o que a leitura de Lima Barreto ressalta: a mentalidade

colonizada que aceita irrestritamente as ideias e modelos estrangeiros e desencaixados em supressão das características locais.

O fato de a modernização aos moldes parisienses ter ocorrido em várias cidades latino-americanas evidencia a pertinência do exercício comparativo, que indica a presença e dominação cultural europeia na configuração e construção das capitais como braço do poder da metrópole (RAMA, 1985). Em outras palavras, perceber que as reformas das capitais não significam apenas um arranjo estético, de imitação da arquitetura europeia, mas uma organização de relações que se instauram a partir das cidades em ordenação de uma lógica mantenedora das antigas relações coloniais, permite-nos compreender também que os conflitos, as tensões e as contradições deste processo podem ser lidos de forma comparada, sem apagamento das singularidades do contexto argentino e do brasileiro.

Na tentativa de compreender um processo extremamente complexo de dominação simbólica e epistemológica na América Latina, voltamo-nos, neste ensaio, às representações da vida no Rio de Janeiro e de Buenos Aires na ficção de ambos nas primeiras décadas do século XX, ressaltando o fato de que suas personagens principais, que frequentemente apresentam algum traço autobiográfico, vivem e sobrevivem de atividades que se relacionam à escrita, à literatura, às atividades intelectuais, ao mundo editorial, o que situaremos dentro da cidade.² Nas biografias de Lima Barreto e Roberto Arlt, temos uma trajetória de difícil inserção social em seu meio, expressada em uma escrita que se pode definir como violenta, melancólica, áspera, subversiva, polêmica, características que se observam inclusive na frequente recusa às normas gramaticais. Além disso, não escapa de sua produção, em considerável medida autobiográfica e documental, uma vontade de representação irônica, satírica dos círculos intelectuais e do papel ambíguo e enganoso das letras e da cultura letrada no seio dessas sociedades. Alcançando um nível de nitidez profundo para o seu tempo, esses autores se posicionaram em relação ao projeto modernizador das capitais e ao lugar da cultura

²Embora esta reflexão não seja norteadada pelos aspectos autobiográficos nestas obras, é importante ter em mente que, na literatura de Lima Barreto e de Roberto Arlt, há relações marcantes entre as personagens e os episódios literários e biográficos. Sobre pertinência da biografia de Lima Barreto e Roberto Arlt para a crítica literária, Fernando Solomon Bezerra (2015, p.57-80), em sua tese de doutorado, desenvolve a discussão sobre os limites entre a vida e a ficção, e sobre como a biografia opera na obra destes dois autores. No Brasil, Antonio Candido (1989) explica, a partir da análise dos diários de Lima Barreto, como se dá em sua literatura o trânsito entre o particular (inclusive um particular frequentemente autobiográfico) e o universal. O reconhecimento da relação entre vida e obra nestes autores implica enfatizar, em nossa pesquisa, a *cidade letrada* como o principal lugar onde as contradições e a falência do projeto moderno se apresentam nestas obras.

letrada pela perspectiva das lacunas, das falhas, das exclusões intrínsecas à ideia de civilização.

Como explica Ángel Rama (1998, p. 23-40) na introdução de seu estudo sobre a cidade latino-americana, a cidade é o reduto material da ideia de civilização, uma proteção mais do que adequada ao mundo em processo de colonização, onde o meio ambiente e a natureza são concebidos de forma entrelaçada ao desconhecido e à barbárie, segundo o imaginário europeu. As cidades são, conforme segue o crítico uruguaio, a materialidade do anseio da conquista e da ordenação hierárquica que se concretiza plenamente na América Latina. Tal configuração espacial – a cidade artificial barroca – representaria em alguma medida as relações de poder que perpassam a sociedade como um todo, e se mostrou muito eficiente na exploração do mundo colonizado. Como símbolo da vitória da civilização, as cidades são uma ideia, antes mesmo de existirem em sua concretude. Por causa disso, as cidades necessitam de um grupo e uma produção responsáveis por sua imaginação e legitimação. Rama (1984, p. 42) identifica uma classe específica e fundamental para a constituição e sobrevivência dessa ideia:

No centro de toda cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice-reinais, houve uma *cidade letrada* que compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. [...] Desde sua consolidação no último terço do século XVI, essa equipe mostrou dimensões desmesuradas, que não se adequavam ao reduzido número dos alfabetizados aos quais podia chegar sua palavra escrita e nem sequer às suas obrigações específicas, e ocupou simultaneamente um elevado nível dentro da sociedade obtendo portanto, uma parte nada desprezível de seu abundante excedente econômico. (grifo do autor)

A cidade letrada moderna é formada por uma diversa gama de pessoas e atividades, e confere certa autonomia individual e de grupos, permitindo relações complexas de inserção e participação social entre os intelectuais, escritores, jornalistas, burocratas, editores em seu meio. Ao mesmo tempo, ela está atrelada à transposição de uma ordem e tem um papel fundamental no estabelecimento e na manutenção das relações de poder que asseguram sua existência. No mundo colonial, maior expressão da função da cidade, ela torna possível que seja assegurada na colônia uma estrutura de poder exercido do outro lado do Atlântico. Há, pois, um projeto, uma lógica – independente do grau de consciência com que os intelectuais o realizam – que vincula os agentes da cidade letrada em objetivos semelhantes, mantendo relações e práticas que perpetuam situações de exploração e dependência e respondem às elites, possibilitando-lhes sempre manter uma vantagem relativa nas relações de dominação.

Falamos, ainda, das cidades latino-americanas, contextos para os quais podemos aproximar o que Schwarz explica sobre o Brasil: aqui, as ideias europeias adentram e se tornam parte da vida, mas sempre em “sentido impróprio” (SCHWARZ, 2000, p. 29): aqui as ideias estão, em expressão a que o autor gosta de recorrer, “fora do lugar”. Os sentimentos de impossibilidade de realização do ideal de civilização são indícios fortes de que as interações sociais parecem, no nosso contexto, tomar uma lógica própria e operar de forma a sempre evidenciar o descompasso experienciado entre a cultura local e a Europa civilizada. Isso nunca foi experienciado sem violência na nossa história, e o contexto de organização da cidade letrada não é diferente. Partindo desses pressupostos, procuramos observar as cidades, as situações, as pessoas, as experiências por que passam as personagens principais dos romances *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *El juguete rabioso*, com o objetivo de melhor compreender os funcionamentos da cidade letrada latino-americana das primeiras décadas do século XX a partir dos olhares críticos e dissonantes de Lima Barreto e Roberto Arlt.

AS LETRAS COMO MERCADORIA: A SOCIEDADE LETRADA LATINO-AMERICANA

Em *El juguete rabioso*, primeira novela de Roberto Arlt, o mundo letrado e literário é o ambiente onde se dão as relações sociais mais abusivas e enganosas de que o narrador Silvio Astier, um adolescente pobre e aficionado por livros, é vítima. Desde o objeto de seu roubo mais significativo, já logo na adolescência, serem os livros, passando pelo emprego em uma livraria aos 15 anos, até finalmente – quando fracassa em seu sonho de se tornar aviador – conseguir o emprego de vendedor de papel, suas tentativas de inserção social pelo esforço individual, pelo mérito, se relacionam ao estudo, aos livros, aos trabalhos associados ao mundo literário, intelectual e editorial. Mas suas tentativas são sempre fracassadas. Silvio o tempo todo é lembrado de sua origem pobre como empecilho à ascensão social. Além disso, a cidade aparece nessa e também nas obras de Lima Barreto não somente como o espaço físico, mas como um ideal de civilização e realização individual pelo trabalho e pelo conhecimento, como o espaço liberal da meritocracia, como o centro irradiador da alta cultura, para onde o sonho das personagens as impulsiona. É no abandono da casa materna em busca de um trabalho na capital do Rio de Janeiro que Isaías Caminha inicia sua descoberta.

Também no primeiro romance de Lima Barreto, temos a história de um interiorano que sonha em ir para a capital, assim como Silvio, para estudar. No entanto, Isaías é mais ambicioso, e tem como objetivo o reconhecimento de sua erudição e a inserção na vida carioca por meio dela. A exemplo da máxima de que os homens sempre parecem satisfeitos com a própria inteligência, mas insatisfeitos com seu lugar na sociedade, Isaías está convencido de si e, de início, das promessas da capital. Rapidamente, porém, compreende a estreita relação entre sua condição social e sua cor de pele com a sua não aceitação nos círculos intelectuais. A sua história é a da compreensão de que não havia erudição possível que mudasse sua cor. Embora sejam personagens muito diferentes, a história de Isaías e de Silvio é a do fracasso de inserção no mundo a que pensaram poder pertencer. A ideologia das atividades liberais e do mérito, assim como a valorização da educação, da erudição, não coincidem com o que encontram na realidade.

Logo no início de *El juguete rabioso*, temos pistas da relação que Silvio estabelece entre seu interesse pela leitura e sua origem pobre. Seus furtos começam cedo, aos 14 anos, e estão vinculados intimamente à paixão pelos livros, que ora são o objeto do roubo, ora são a justificativa para que ele ocorra. Um aspecto que vemos na formação da personagem através desse exemplo, mas aparece em seu percurso em diversos momentos, é o de que a ética ou o comportamento que pode ser universalmente reproduzível não chega pela via da leitura ou da educação: apesar de grande leitor, o comportamento de Silvio não corresponde ao ideal de educação ou ilustração. É um adolescente rebelde, insatisfeito, ressentido, preguiçoso. Mas, mais do que isso, os livros invertem essa relação que talvez Silvio devesse ter com a ética ou o comportamento civilizado, ao se tornarem a permissão e a justificativa inicialmente para os roubos. Assim, a adolescência de Silvio já demonstra o papel ambíguo da literatura em *El juguete rabioso*: ao mesmo tempo que é crítica e subversiva, sendo associada ao roubo e às más condutas do narrador, é ela que o conduz ao engano e à frustração dele mesmo.

Ainda sobre esse episódio, como desenvolve Ricardo Piglia (1973), desde o primeiro contato que Silvio estabelece com os livros, o significado de literatura que vai se consolidando no enredo é o da crítica à mercantilização do objeto literário, em todas as consequências possíveis da cultura letrada operando sob as engrenagens liberais. Novamente os primeiros roubos são uma reivindicação do direito de Silvio ter livros, ainda que não possa comprá-los. Ainda segundo o crítico, a revolta que o leva a incendiar a livraria de Gaetano teria um valor análogo ao de roubar a biblioteca, como um ato de

justiça pelas próprias mãos contra a lógica liberal da circulação literária (PIGLIA, 1973, p. 25).

Nas três obras, em que as personagens principais acabam vítimas de uma lógica alheia ao seu conhecimento ou alcance, o contexto e várias das personagens periféricas se tornam os esquemas mais interessantes e literais do entranhamento da lógica liberal na cidade letrada. Observe-se, por exemplo, uma primeira impressão de um grupo de mulheres que Silvio expõe ao chegar em Buenos Aires:

Las doncellas, mayores de veintiséis años, y sin novio, se deleitaban en Chateaubriand, languidecían en Lamartine y Cheurbuliez. Esto les hacía abrigar la convicción de que formaban parte de una ‘élite’ intelectual, y por tal motivo designaban a la gente pobre con el adjetivo de chusma (ARLT, 2013, p. 42).

Neste relato, vemos a compreensão, por aquelas prostitutas, da literatura como fator de ascensão social, e não pelo valor estético ou político dos textos. Como artifício, adorno, as letras se esvaziam no processo de fetichização, deixando de comunicar o seu sentido. Uma outra caricatura no sentido dessa crítica está em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, na figura caricata de Armando Borges, que se casa com Olga Coleoni. Na história, Olga, naturalmente com o apoio de sua família, é uma mulher fútil, que deseja se casar com um “doutor”, um homem que represente a alta cultura. Acaba encontrando a figura insólita de Armando Borges, um médico que vive de ostentar leituras que não realizou e conhecimentos que não tem, alimentando a sua projeção pelo respeito que os outros lhe dedicavam e pelas mentiras que diz sobre si. O que lhe dá legitimidade é o *status* prévio que detém por seu título e o exercício constante de autopromoção.

O caso de Armando não se trata somente de uma erudição pela erudição, muito pelo contrário: trata-se de como fingir esta erudição, se não existe, por exemplo, uma inclinação nata para ela. Armando chega ao cômico de, por precisar fingir para as pessoas de sua casa que lê muito toda noite em sua biblioteca pessoal, “encomendar algumas novelas de Paulo de Kock [a literatura fácil das donzelas] em lombadas com títulos trocados [...]”, (BARRETO, s/d, p. 258-259). E, como às vezes precisava também produzir e publicar algo, acaba desenvolvendo a seguinte técnica:

O processo era simples: escrevia de modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, quão grande e tão grande por tamanho, sarapintava tudo de ao invés, em pós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a

causar admiração aos seus pares e ao público em geral. (BARRETO, s/d., p. 290-291)

O exemplo do completo esvaziamento da linguagem, das ideias, da comunicação, em serviço de uma representação, de uma ficção, descrevem profundamente o que move e estimula as relações dentro dos círculos por onde transitam as personagens. O que não deixa de surpreender o olhar de Silvio, Isaías, Policarpo e compõe a ironia das novelas é como essas figuras conseguem reconhecimento, ou como a fraude se sustenta como verdade percebida apenas pelos seus olhares, e denunciadas apenas pelo seu senso de justiça, sem nenhuma reverberação social. Tanto o conteúdo dos livros como, por extensão, a educação letrada e o trabalho intelectual estabelecem relações muito frouxas com os intelectuais, escritores e portadores do saber e da erudição.

As situações adversas pelas quais passam os protagonistas o tempo todo denunciam a estranheza das regras da disputa interna à cidade das letras, em uma *partilha* necessariamente mal distribuída da qual não podem fazer parte e que muitas vezes sequer compreendem. Tal desencontro é definitivo em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, onde a crítica à cultura letrada assume o tom mais maduro, que canonizou Lima Barreto. Policarpo Quaresma talvez seja a personagem mais autobiográfica de Barreto, se não nos fatos – como a internação em um hospício –, no ponto fundamental de ter centrado sua existência nos livros. Sobre isso, Lima Barreto (apud CANDIDO, 1989, p. 40) afirma em 1908:

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.

Como em sua fala, as letras definem a personagem condenada ao triste fim. Policarpo era um leitor compulsivo, com uma biblioteca pessoal a que estranhavam seus vizinhos e dentro da qual passava a maior parte do seu tempo. Sua missão de vida era contribuir para o desenvolvimento do Brasil e da exploração de suas potencialidades. Para isso, só havia o caminho dos livros: “[...] o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa” (BARRETO, s/d, p. 14). Pelos livros, Policarpo, em busca do verdadeiro caráter, da verdadeira vocação nacional como caminho para o desenvolvimento, constrói uma história de tentativas miseravelmente frustradas de se melhorar o Brasil.

Policarpo está fadado ao fracasso porque é um leitor, conhece tudo dos livros, mas não entende como a prática é tão diferente daquilo que lê. O primeiro episódio entendido como loucura foi publicizar, por escrito, a recomendação para se oficializar a língua tipicamente brasileira, que seria, segundo concluiu por meio de suas investigações, o tupi. Com a grande reverberação que teve o que todos viram como imenso absurdo, e com o estopim de sua demissão causada por um ofício escrito no tupi, termina internado num hospício. A língua oficial, imposta, europeia, vence com muita naturalidade (é Policarpo que está louco) a tentativa de resgate das línguas e culturas tradicionais.

Quando sai do hospício, acaba por concordar com a sugestão de sua afilhada, de ir trabalhar no campo. A ideia cada vez toma mais força, à medida que lê sobre o assunto e se empolga com as potencialidades naturais do solo e do clima brasileiros e da vocação agrária do Brasil. Mas o retorno ao campo como solução para colocar o país no eixo do progresso não é possível. Apesar de ler (ou exatamente porque *leu* sobre) todos os assuntos relacionados ao campo, também fracassa, pelos imprevistos do que *Macunaíma* futuramente sintetizaria como um dos “males do Brasil”: muita saúva.

Finalmente, Policarpo é convocado para participar na Revolta da Armada. A experiência da violência da guerra a mando da figura medíocre do presidente ilegítimo Floriano Peixoto é o estopim de sua indignação com todo o fracasso que se mostrava o Brasil. Inconformado com as atrocidades e a barbárie da guerra, com tudo o que era em sua concepção o oposto da civilização descrita nos livros que lia, ele novamente registra o que pensa em uma carta endereçada ao próprio Floriano. Suas verdades dessa vez o levam à prisão, onde termina sua história aguardando a execução da sentença de morte.

Do início ao final de sua narrativa, comove que Policarpo não seja capaz de entender as regras que movem as práticas e os homens, e por isso não prevê as consequências trágicas da sua última carta. Sua interpretação do Brasil é literal, e não concebe a adaptação, a lógica particular que a cultura dos livros adquire na realidade, dentro das relações atravessadas e interessadas de uma lógica própria do mundo colonizado. A nação é um projeto de poder, prático e simbólico, sustentado pela cidade letrada. Da mesma forma, as cartas, os ofícios redigidos por Policarpo terminam por se mostrar, nas poucas vezes em que foram levados a sério, armadilhas, voltando-se contra ele, pois a cidade letrada tem mecanismos próprios e nela as letras são enganosas, são a expressão da vitória fictícia da civilização.

Isaías Caminha passa por várias situações que também exemplificam a falência, o esvaziamento das letras. Uma delas está simbolicamente na sua chegada à capital. Ele

carrega consigo uma carta escrita por um coronel local a um deputado em exercício. O documento, indicação sem força de lei, como marca das relações de apadrinhamento, seria seu ingresso, ou o seu atalho, para os estudos e, logo, para a carreira almejada. Mas, assim que chega ao gabinete, percebe que a força da carta não está em si mesma, pois ele sequer é recebido. O que essa primeira lição lhe mostra é que as letras têm um funcionamento distinto para cada classe ou cor de pele na sociedade, e a personagem logo vai associar, com razão, seus sucessivos fracassos à sua condição de negro. No momento em que decide ir para o Rio, é o sucesso de um colega medíocre que lhe dá mais segurança: “Ora o Felício! pensei de mim para mim. O Felício! Tão burro! Tinha vitórias no Rio! Por que não as havia eu de ter também?” (BARRETO, 1995, p. 2). Sua jornada o conduz à descoberta da aposta errada na inteligência, na erudição e no trabalho. O fracasso a que está condenado por sua cor se explicita já na viagem de ida à cidade, quando é dada, pelo cobrador do trem, preferência a um “rapazola alourado”.

As histórias de Policarpo, de Isaías e de Silvio são a experiência de uma distância profunda entre as palavras e as coisas, e entre sua vontade e potência individual e o mundo fechado, mesquinho com que se deparam; as letras não abarcam a realidade específica de preconceitos, favores, patriarcado em que vão se configurando as relações a partir das disputas na cidade letrada. Há um desencontro entre a teoria – entre o que Policarpo a todo tempo lê, ou entre a confiança de Silvio na educação – e a realidade, há um esvaziamento profundo de todo aquele universo formado por palavras e livros. E é notório nesse sentido que todas as personagens, nunca alheias a sua situação, atravessam esses momentos de silêncio e de silenciamento em resposta à virtualidade do que os cerca, uma espécie de silêncio característico do moderno, que é a experiência viva do não-alcance, do não ter voz, da mutilação. “A minha individualidade não reagia; portava-se em presença do querer dos outros como um corpo neutro; adormecera, encolhera-se timidamente acobardada” (BARRETO, 1995, p.45), explica Isaías. Silvio diz o seguinte sobre o processo de amesquinhar-se vivendo com Gaetano e sua esposa:

Allí comencé a quedarme sordo. Durante algunos meses perdí la percepción de los sonidos. Un silencio afilado, porque el silencio puede adquirir hasta la forma de una cuchilla, cortaba las voces en mis orejas. No pensaba. Mi entendimiento se embotó en un rencor cóncavo, cuya concavidad día a día hacía más amplia y acorazada. Así se iba retobando mi rencor. (ARLT, 1995, p. 108)

E não só a ingenuidade, mas principalmente a pobreza e a dependência não lhes dá alternativa que não insistir, no caminho de humilhação. “Ah!, cierto es que estaba

cansado... ¿mas no está escrito?: ‘ganarás el pan con el sudor de tu frente’, consola-se Silvio (ARLT, 2013, p. 109). Sobre o doutor Castro, o deputado que acabou por ignorar a carta de chegada de Isaías, é dito o seguinte: “Nada transpirava na sua preguiçosa e baça personalidade” (BARRETO, 1995, s/p). A lógica liberal do trabalho, da individualidade é apequenada em toda a confusa rede de ascensão por vias tortuosas. Os três o tempo todo se deparam com o temperamento degradado das figuras de pequena e grande autoridade. Retornamos a Schwarz, novamente toda a lógica em que se inserem é obscura, e todas as práticas caminham afastadas das ideias, do ideal de civilização.

Como um último exemplo, em *El juguete rabioso*, a conversa do primeiro encontro entre Silvio e Souza, que o acolhe em Buenos Aires, é bastante emblemática no sentido de crítica a toda essa lógica liberal moderna letrada. Souza é o símbolo das coisas práticas, do empirismo. “Yo lo conozco a Ricaldoni, y con todos sus inventos no ha pasado de ser un simple profesor de física. El que quiere enriquecerse tiene que inventar cosas prácticas, sencillas” (ARLT, 2013, p. 106). A dica que Silvio escuta é a de que o que se valoriza no conhecimento é a sua utilidade e a sua plasticidade, o seu fim, e não o conhecimento em si, ou a grandeza humana, a riqueza cultural, a retidão de carácter. Na conclusão deste longo discurso de descrédito ao caminho das letras, ironicamente Souza oferece a possibilidade de ajuda mediante a apresentação formal por parte de Silvio de uma carta de intenções, assinalando novamente para a performatividade do documento: “Escríbame una carta detallándome todas las particularidades de su carácter, francamente y no dude de que lo puedo ayudar. Cuando yo prometo, cumplo” (ARLT, 2013, p. 107).

A situação de espera e suspensão que envolve o narrador de Arlt não é somente uma crítica à sensibilidade do pragmático, do racional, mas a constatação de que é somente desta maneira abstrata, utilitária, que se pode existir na cidade. Mas Silvio não parece ainda pronto para aprender que não há de fato comunicação que ultrapasse as suas origens, para que alcance a vida que quer. Na verdade, a conclusão da obra, com a delação de um novo roubo planejado pelo amigo Rengo, aponta para o contrário. Silvio visita e conhece “Arsenio Vitre – Ingeniero”, e, na biblioteca “llena de libros”, opta por operar na ética deste desconhecido e denuncia o roubo prestes a acontecer. Em um conflito dostoiévskiano anterior ao crime, o narrador prefere a abstração do caminho “correto”. O resultado, que deixa o final do livro menos em aberto do que permite o funcionamento da sociedade, é uma segunda promessa de emprego “Le escribiré pronto...”, mas, como aquela lógica é sempre incerta, o engenheiro acrescenta: “no pierda su alegría” (ARLT, 2013, p. 195).

CONCLUSÃO

Sabemos que o acesso dos sujeitos à participação e partilha da vida econômica e cultural das cidades não se dá de forma igual. No período abordado, junto com a reorganização da geografia das cidades latino-americanas, como Buenos Aires e Rio de Janeiro, tivemos uma série de transformações e consequências com as quais ainda lidamos no presente. A exclusão e a desigualdade social aumentaram, e assim intensificou-se um processo de perifização que até os dias de hoje caracteriza essas cidades. Há também mudanças simbólicas, e a classe letrada é fundamental na articulação e organização dessas mudanças. Questioná-la é questionar a ordem que ajudou a estabelecer.

Permanece após o fim das narrativas a manifestação de um silêncio histórico, a sensação do fracasso dos narrados, da dissonância, do não pertencer, do não integrar o contexto de que faz parte. Permanece a sensação de que há uma grande parcela de indivíduos e de experiências que caminham à margem das elites e autoridades, que são incompetentes, mesquinhas, conservadoras. Os romances apontam na distância entre letra e mundo os problemas que se manifestam nas complexas relações sociais que se desenvolvem no seio de sociedades onde as ideias estão “fora do lugar”. O progresso, a modernidade, a liberdade, a civilização e todas as suas promessas historicamente se realizam mal nos trópicos. Assim, verificamos que uma das questões é como a modernidade resvala na experiência do mundo ex-colonial de forma acentuadamente divisora de classes e extremamente violenta.

A essa constatação, os textos ainda acrescentam que, sendo as letras um lugar das promessas mais entranhadas da modernidade: a educação, o saber, a cultura como civilização, como ação e realização individual, elas são o maior engodo com que a ideologia do progresso encanta e domina. Silvio, Policarpo e Isaías, de diferentes formas, expressam o empenho nos estudos, a confiança kafkiana no funcionamento das engrenagens públicas, a fé em uma vontade coletiva acima das desavenças e como parte da superação da desigualdade, a fé também na boa vontade e no bom senso do homem letrado, e a ideia de que o trabalho, especialmente o intelectual, é garantia de ser um bom e reconhecido cidadão. Sua fé na razão antecede a ordem material. Nessa crença está a desgraça de cada um e a da nossa civilização.

REFERÊNCIAS

- ARLT, Roberto. *El juguete rabioso*. Caseros: Gradifco, 2013.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Objetivo, s/d.
- BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARRETO, Lima. “A Volta”. In ENGEL, Magali et al. *Crônicas cariocas e ensino de História*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2008, p. 47.
- BEZERRA, Fernando Solomon. *Lima Barreto e Roberto Arlt: transições e permanências da memória selvagem*. Tese de doutorado. Belo Horizonte, UFMG, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-9YAMW5/1/tese___fernando___final.pdf. Acesso: 27.10.2020
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- PIGLIA, Ricardo. “Roberto Arlt: una crítica de la economía literaria”. In *Los Libros*. Buenos Aires, n. 29, março-abril, 1973. p. 22-27.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na I República*. 3 ed.. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5 ed. São Paulo: 34, 2000.

Data de recebimento: 27/10/2020

Data de aprovação: 06/12/2021